

Amigos de longa data

O actor francês François Chatelet tem já uma longa relação com o Festival. Este ano cabe-lhe interpretar a figura de Eduardo De Filippo em *Amitié*, que a encenadora francesa Irène Bonnaud construiu a partir da história de amizade e admiração mútuas entre o escritor e realizador Pier Paolo Pasolini e o comediógrafo e actor napolitano Eduardo De Filippo, na busca de “um teatro de actores, sem cerimónias nem lantejoulas, num regresso à arte bruta, imediata e vital da comédia napolitana”. Estreado no Festival d'Avignon de 2019 como espectáculo itinerante, *Amitié* apresentou-se em salões de festas de sociedades recreativas e ao ar livre, levando o teatro às populações periféricas, na tradição artesanal das trupes itinerantes italianas.

Na origem desta peça está um



Amitié está em cena na Incrível Almadense até Terça-feira

guião para um filme — intitulado *Porno-Théo-Kolossal* — que Pasolini escrevera para que De Filippo protagonizasse. Na correspondência entre os dois artistas são reve-

ladas algumas das linhas-mestras do projecto: “um *road movie* filosófico de um Rei Mago que vai atrás de uma estrela cadente até Belém — passando por Sodoma (Roma),

Gomorra (Milão) e Paris, onde apanha um avião para a Palestina. Ao chegar, depara com um estábulo em que não há nada: nem Maria, nem José, nem burrinho, nem vaquinha, nem Jesus, que já morreu faz tempo. Só a luz inútil da estrela, que talvez represente a ideologia: afinal, o Paraíso não existe...”. Pasolini foi entretanto assassinado e o projecto não chegou a concretizar-se.

Irène Bonnaud pegou neste guião e enxertou-lhe pedaços de diálogos de quatro peças de De Filippo: *A viúva alegre*, *Natal em casa dos Cupiello*, *Dor sem remédio* e *Uma boa receita*. O resultado é uma homenagem à artesanaria teatral, em oposição à estética televisiva da sociedade de consumo: “Quando já não restar nada do mundo clássico, quando os camponeses e os artesãos estiverem mortos, quando a indústria já se tiver fartado de fazer rodar a engrenagem da produção e do consumo — então a nossa História terá terminado”. (Pasolini, 1963)

Campolide na Cerca

Foi sob o olhar atento de Neptuno que arrancaram os Encontros da Cerca deste ano, que em quatro Sábados de Julho não-de trazer à Casa da Cerca alguns dos que cruzaram as suas vidas com o projecto da Companhia de Teatro de Almada. Ontem à tarde, coube a Eugénia Vasques conversar com Isabel Bahia e Teresa Gafeira sobre o Grupo de Campolide, o grupo amador que esteve na origem da CTA. Estiveram presentes na assistência vários elementos do Grupo, que também intervieram na conversa.

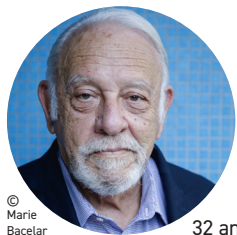
Numa introdução de fundo, Eugénia Vasques fez um levantamento exaustivo dos acontecimentos que precederam, inclusive, a estreia do primeiro espectáculo do Campolide: *O avançado-centro morreu ao amanhecer*, de Agustín

Cuzzani, com encenação de Joaquim Benite, estreado a 24 de Abril de 1971. “Houve duas correntes que confluíram para que a fundação do Campolide fosse possível: uma, marcadamente política, de jovens ligados ao MDP-CDE, e outra, de ex-alunos do liceu francês e do Grupo de Teatro de Letras”, apontou. Vasques identificou a máxima de Antoine Vitez — *Um teatro de elite, para todos* — como a força motriz do projecto idealizado por Joaquim Benite. “Num documento existente no arquivo da CTA estão expressas as três linhas que subjazeram à fundação do Grupo de Campolide: a formação (nomeadamente de actores) feita no próprio exercício da acção; a itinerância constante; e o desejo da descentralização teatral”. “Para que se tenha uma ideia do (continua pág. seg.)



O primeiro Encontro da Cerca foi dedicado ao período 1971-1984 da História da CTA

Notável efeméride



Mário Matos dos Santos

32 anos de plateia

A Companhia de Teatro de Almada comemora os seus 50 anos de vida. Uma honra para a Cidade, para o País e para o seu universo internacional.

Teatro é vida, são estórias, são expressões transmitidas das vivências, das alegrias, das tristezas, das esperanças e do amor – e é, acima de tudo, o Homem multifacetado.

Atinge a sua expressividade, a alegria, a dor, a esperança, é didático, passando do monólogo à multiplicidade da comunicação. É o Homem em diálogo consigo pró-

prio, é luz na ignorância, é a vida.

O Teatro Municipal de Almada tem acompanhado, num panteísmo notável, com a presença dos seus intérpretes e com a produção dos espetáculos figurativos, a vida no seu evoluir. Ali venceram-se desafios, conceberam-se figurações, passou-se pela leveza da expressão da musicalidade, do gesto, do movimento, da dança, da cor, da encenação, do universalismo da mensagem. Tudo isto, o Teatro Municipal de Almada faz através da formação e da consagração daqueles que partilham

com os outros as mensagens da vida. Os nossos orgulhosos parabéns a esta extraordinária escola de arte, que ano após ano consolidou o seu lugar, também no internacionalismo da qualidade das suas realizações.

Neste júbilo dos 50 anos, confirmamos e desejamos à Companhia de Teatro de Almada, parabéns, um futuro de realizações para todos aqueles que criaram este foco de cultura, fruto da visão de Joaquim Benite, que dos clássicos aos modernistas nos tem levado a sonhar.

(cont.) impacto deste projecto, re-firira-se que a média de público do primeiro espectáculo foi de 216 espectadores por sessão. “Não nos esqueçamos de que estamos a falar de um grupo amador”, acrescentou.

Teresa Gafeira fez notar que, para si, “importa mais reflectir sobre os resultados alcançados por esta Companhia do que estarmos preocupados em personalizar quem contribuiu para o quê”, acrescentando que neste projecto colectivo “tudo se discutia, até às últimas consequências”. Olhando para o percurso realizado, Gafeira apontou que “formámos um público constituído por pessoas muito distintas, e é por isso que esta Companhia sobreviveu, e há-de ter futuro”. Quanto à sua formação como actriz – “nunca estudei teatro: eu venho da arquitectura”, sublinhou –, Teresa Gafeira recordou que “o Joaquim [Benite] buscava uma nova forma de representar, sustentada no pensamento. Ainda hoje é assim que eu actuo, e não consigo conceber que haja quem o faça de outra forma”. “Desculpem, mas eu sou uma pessoa que não

guarda memórias: não tenho retratos em casa”, concluiu.

Isabel Bahia – que no início dos anos 80, já com a Companhia instalada em Almada, abandonou a carreira de actriz para se dedicar à apresentação televisiva (“achei que não tinha talento suficiente”, afirmou) – recordou que “corria todos os bairros de Campolide, a vender bilhetes para os nossos espectáculos”. O trabalho de mobilização de público levou-a a percorrer, nos anos 70/80, toda a cintura industrial de Lisboa – “ao volante do meu Mini”, disse. “Chegava a vender 300 bilhetes por dia, nos sindicatos, nas empresas, em todo o lado. Foi assim, a bater de porta em porta, que angariámos os sócios necessários para a primeira Associação de Espectadores, que permitiu que nos tornássemos profissionais”. “Quando o Joaquim [Benite] morreu, lembro-me de que me abracei à Teresa [Gafeira] e lhe disse: ‘Éramos tão novos’. Nesse dia não fui capaz de lhe dizer mais nada”, recordou.

Após as intervenções das convidadas o microfone circulou livremente, de mão em mão.

e o encenador do espectáculo não poderão estar presentes. Ao longo desta semana conversaremos também com Rogério de Carvalho, Irénne Bonnaud, Cleo Tavares, Isabel Zuua, Nádia Yracema e Ivo Van Hove na Esplanada do TMJB – e a partir de 12 de Julho na Escola D. António da Costa.

Intempéries

São Pedro andou ontem às avessas com o Festival, e quem esteve à tarde na Casa da Cerca que o diga. Chuviscou de manhã, embrulhou-se ao meio-dia (em que o tempo, “ou carrega, ou alivia”, como diz o ditado) e, à hora de começar o Encontro da Cerca, aliviou – mas de que maneira... As nuvens escapuliram-se, abandonando convidados e espectadores à inclemência de Apolo. Acto-contínuo, público e palestrantes adaptaram-se (nestes últimos tempos, de facto, não temos feito outra coisa...): Eugénia Vasques deu o mote e, com um *cap* militar trazido por mão (mais que) amiga, lançou-se com unhas e dentes à intervenção (de mais de hora e meia) que tinha preparado, aproveitando para transformar as suas calças de linho preto nuns impecáveis calções



© Luane Santos

à Nené. Foi um ver se te avias: a assistente de sala (jardim, no caso) distribuía águas, as *Folhas Informativas* transformavam-se em abanicos, mas o que fez as delícias da Luana, a fotógrafa de serviço, foram os chapéus improvisados. Houve-os para todos os gostos. O dramaturgo Joaquim Paulo Nogueira (na foto) ganhou o prémio, com um magnífico exemplar *casinha de pássaros*. Espreite as restantes versões de *couvre têtes* no *Instagram* da Companhia (afinal, as redes sociais sempre servem para alguma coisa).

À conversa

Os Colóquios na Esplanada iniciam-se amanhã, às 18h, com Petja Labović e Benjamin Krnetić, actores de *História da Violência*. Devido às restrições nas viagens internacionais, o autor

RESTAURANTE DO TEATRO

HOJE

Vitela com passas
Filetes com molho de pickles

AMANHÃ

Esparguete à bolonhesa
Lulas recheadas

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz • Almada

AGENDA DE AMANHÃ

18:00

Conversa com Petja Labović e Benjamin Krnetić
Esplanada do TMJB

20:30

History of violence
Fórum Romeu Correia

20:30

Aurora negra
Academia Almadense